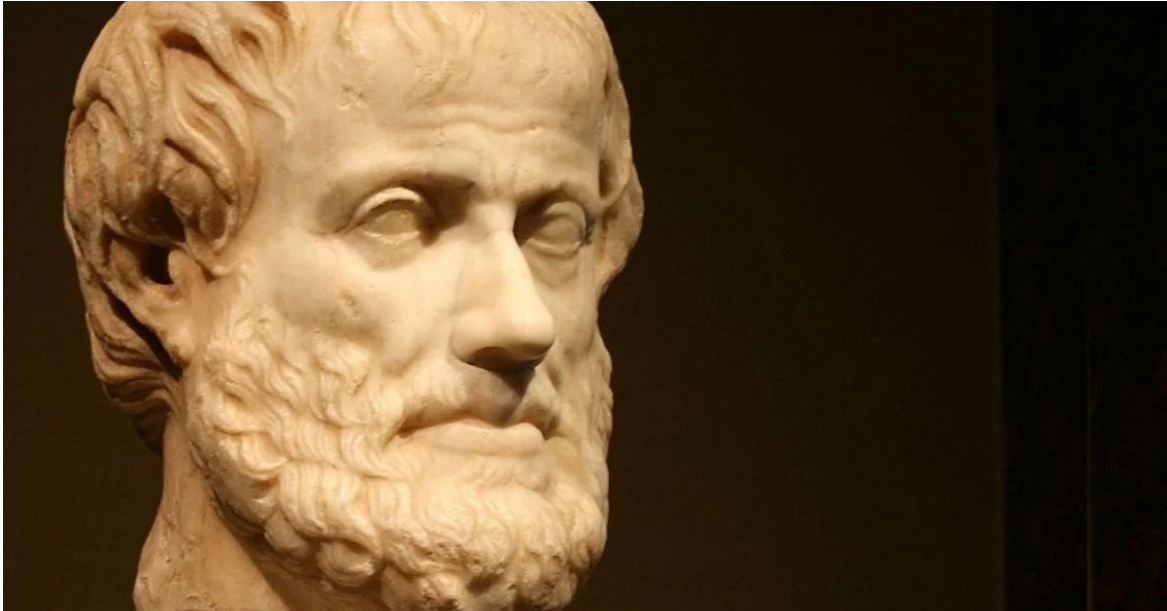


ENTRE CILA E CARÍBDIS: TRADUZINDO A *ÉTICA A NICÔMACO*

Por André Malta



Depois de traduzir a *Apologia de Sócrates* e mais oito diálogos platônicos, eu decidi encarar o desafio de verter a *Ética a Nicômaco* na íntegra. E uma vez que sou, em filosofia, um *idiótes*, ou seja, um “leigo”, um “não-especialista”, a contribuição que quero dar passa não por questões propriamente filosóficas, mas de língua e estilo. Se a dicção de Platão, por causa da sua beleza e variedade, lembra o trem das cores, a de Aristóteles poderia ser descrita como um retrato em branco e preto. Como verter a aridez aristotélica? Há elementos que podem ser destacados numa nova tradução da *Ética* para o português? Existiriam discretas pinceladas nesse texto capazes de quebrar a impressão cinzenta que em geral Aristóteles costuma nos passar, pinceladas para as quais tradutoras e tradutores oriundos da filosofia tendem a não chamar nossa atenção?

Mesmo estando ainda na fase inicial do trabalho, acredito que sim. Vista de perto, a *Ética a Nicômaco* é, linguística e estilisticamente, mais colorida do que parece. E talvez o lado menos cinzento de Aristóteles fique especialmente visível nessa obra, porque com seus dez livros ela é um trabalho ao mesmo tempo extenso e orgânico, com articulações bem visíveis, que denotam acabamento.

Vou dar um só exemplo aqui, de uma passagem importante do tratado onde um trecho da *Odisseia* é citado. Quero mostrar que, num caso como esse, a presença de uma nota explicativa menos burocrática pode valorizar os recursos empregados por Aristóteles em sua prosa. Isso porque, além das referências a Homero (e também a Hesíodo, Sólon, Simônides), há na *Ética* outras ocasiões dignas de nota e de recriação – jogos de palavras, ênfases, construções escrupulosamente simétricas e às vezes até poéticas, neologismos, a injeção ocasional de humor. Sendo, porém, absolutamente honesto, no todo nada disso faz da linguagem de Aristóteles uma linguagem variada e sedutora. Prevalece sim o mesmo tom, num um “batidão” sintático básico. Minha intenção, porém, é mostrar que o conjunto não é tão predominantemente árido quanto tendemos a achar, porque aqui e ali, junto com ideias e conceitos interessantes e penetrantes, há respiros, giros e variações que podem reaparecer na língua de chegada. Ao mesmo tempo, e em sentido contrário, tenho como objetivo preservar no meu trabalho de transposição algo dessa aridez geral, um traço essencial que costuma se perder quando as versões elaboram ou desenvolvem demais a dicção aristotélica, em alguns casos mais extremos, quase como se ele passasse a falar como um filósofo moderno. Em resumo: quero sublinhar os momentos mais raros de cor do tratado, para que eles não passem despercebidos, e encontrar ainda uma dicção consistente em português para a aridez consistente do original.

A citação sobre a qual vou falar aqui, tirada da *Odisseia*, aparece no Capítulo 9 do Livro 2 da *Ética*. Como outras citações ao longo da obra, representa um momento de quebra da “monotonia” aristotélica, porque traz para a discussão uma referência externa ilustrativa (há outros elementos interessantes logo na sequência dessa citação, como o uso de um ditado popular e uma nova citação, agora da *Ilíada*, mas vou deixá-los de lado aqui). Na altura desse Livro 2 da *Ética*, ainda estamos na parte introdutória da obra e Aristóteles expõe a sua “Teoria do Meio Termo”. Resumidamente, o que ele

está dizendo é que, ao tentarmos fugir, em cada uma das disposições humanas, dos seus extremos, mais do que atingirmos logo de cara o meio ideal, coisa rara de se conseguir, devemos primeiro nos inclinar para o extremo menos prejudicial, para fugir do polo oposto. Por exemplo, em relação à coragem, é melhor nos inclinarmos para o seu excesso, a ousadia, do que para a sua falta, a covardia. Já em relação à moderação e aos prazeres, acontece o contrário: é melhor nos inclinarmos para a sua falta, a dessensibilização, do que para seu excesso, a indisciplina. É mais ou menos nesse ponto que Aristóteles diz, citando a *Odisseia*:

É por isso precisamente que o êxito não só é raro, como louvável e belo. Por isso, quem tem o meio em mira deve primeiro marchar para longe do que lhe é mais oposto, conforme também Circe aconselha: “Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau...”. Pois, entre os dois extremos, um é mais e o outro é menos errado. (Ética a Nicômaco, II.9, 1109a)

*Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau...: essa é uma ordem que Odisseu dá ao timoneiro da sua única nau restante nos versos 219 e 220 do Canto 12 da Odisseia. Mas por que então Aristóteles diz, antes de citar esses versos, “conforme também Circe aconselha”? (E, dado curioso, os principais manuscritos da Ética trazem um cochilo aqui, o nome “Calipso” em vez de “Circe”.) Porque Odisseu instrui o seu timoneiro seguindo os comandos que recebera antes de Circe, numa longa fala dela no início deste mesmo Canto 12, versos 37 a 110. Nesses versos, ela dava orientações bem específicas em relação não só às Sereias, mas também a Cila e Caríbdis. Portanto, *Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau...* é algo que Odisseu diz na *Odisseia*, e não Circe, mas faz sentido que Aristóteles afirme “conforme também Circe aconselha”, porque o herói diz isso seguindo o conselho dela, e quem lê a *Ética* sabe disso.*

Ora, quando a gente chega a esse ponto do Canto 12, em que Odisseu está dando tal ordem ao timoneiro, o desafio das Sereias já tinha sido superado. A questão que fica, portanto, é: a que ele está se referindo quando diz *Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau...*? Ou, colocando de outra forma: o que Aristóteles tem

em mente ao citar essas palavras de Odisseu ? “Fumaça” (*kapnós*, que talvez possa acomodar também

o sentido de “vapor” ou “spray d’água”) e “onda” (*kûma*) referem-se a quê no poema? Reparem que Aristóteles não está falando na *Ética* explicitamente de Cila e Caríbdis, de certa forma mimetizando Odisseu, que não menciona esses monstros nas orientações que dá. A gente tem que voltar às instruções que Circe tinha passado a Odisseu para entender melhor. Lá, ela tinha apresentado duas opções a ele, sendo que a segunda era, ela mesma, dupla. Primeira opção: seguir ou pelos Rochedos Errantes ou pelos Penedos de Cila e Caríbdis; dos Rochedos Errantes (*Plagktaí*), ela diz, nunca ninguém escapara, a não ser a nau Argo. Segundo opção: navegar ou mais perto de Cila ou mais perto de Caríbdis; no primeiro caso, ele perderia seis companheiros, mas no segundo perderia todos. Ou seja, não há muito o que escolher: depois das Sereias, Odisseu deve seguir pelos penedos de Cila e Caríbdis, e uma vez no estreito, passar junto a Cila, jamais junto a Caríbdis.

Portanto, em *Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau...*, “fumaça” e “onda” (dois elementos aos quais, aliás, Odisseu já tinha feito referência um pouco antes, no verso 202, ao avistá-los) podem ser tomados como uma alusão a Caríbdis, o sorvedouro letal que, além de tragar, também expelia água e a tudo destruía, produzindo (além de forte barulho, v. 202 e 242) ondulação e o tal *kapnós*, a “fumaça” que aqui é mais um “spray d’água”. É esse “extremo” (para usar o termo de Aristóteles, que fala em *dois extremos* na *Ética* logo após a citação: *Pois, entre os dois extremos, um é mais e o outro é menos errado*) – é esse “extremo” que Circe diz para Odisseu evitar e que ele de fato evita, orientando o timoneiro a “deixar de fora a nau”. É essa imagem, portanto, que Aristóteles estaria explorando nesse trecho do Livro 2 da *Ética*, para ilustrar sua discussão: como não há, ao menos para a grande maioria de nós, uma travessia intermediária, ideal, entre dois extremos, é melhor nos aproximarmos do extremo, digamos assim, “eticamente menos letal” – algo que varia de caso para caso, de virtude para virtude. E não nos espanta que ele tinja justamente essa passagem da *Odisseia* de uma cor moral, porque a gente sabe como esse tipo de interpretação simbólica das aventuras de Odisseu era frequente já na própria Antiguidade.

Mas há um problema aí: os comentários à *Odisseia* que eu consultei entendem que “fumaça” e “onda” não são uma referência a Caríbdis, conforme eu disse agora, mas sim aos Rochedos Errantes (*Plagktaí*), aquela primeira escolha que Circe tinha

orientado

Odisseu a fazer. É a leitura, por exemplo, de Irene de Jong, que segue aqui uma tradição já bem estabelecida. Só que, nesse contexto da citação da *Ética*, que fala, como eu disse, em “dois extremos” (*tôn ákron*), e diante da simbologia em que está envolta a travessia do estreito de Cila e Caríbdis (diante da qual a referência aos Rochedos Errantes é pouco ou nada expressiva), acho que essa leitura corrente entre os homeristas pode ser repensada. É possível, a meu ver, imaginar que Aristóteles, ao ler o texto de Homero, veja nele a referência a um dos dois extremos da *segunda decisão* que Odisseu tem de tomar: entre ficar mais próximo de Cila ou mais próximo de Caríbdis. Notem que, na continuação dessa fala de Odisseu citada por Aristóteles, o herói diz (o grego trabalha com aquela típica contraposição *mén... dé*): *Agora dessa fumaça e onda deixa tu de fora/ a nau, e mira no penedo... “Penedo” (skópelos)* pode ser entendido aqui como uma referência a Cila, que se escondia na gruta de um penedo altíssimo (v. 73); portanto, facilmente avistável por quem estava na nau, ao contrário de Caríbdis, associada também a um penedo, mas baixo (v. 101), e mais facilmente percebida pelos efeitos dos seus movimentos de sucção e jato – a fumaça/vapor + onda a que Odisseu se refere (sem contar o barulho). Só que, lendo assim, teremos de aceitar que a primeira escolha de Odisseu, evitar os Rochedos Errantes, ficaria implícita na *Odisseia* (registre-se que, ao relatar suas aventuras para Penélope no Canto 23, ele diz ter atingido os Rochedos Errantes e Caríbdis, que aparecem enunciados num mesmo verso, o 327). Pessoalmente, não acho que esse tipo de silêncio é incompatível com o estilo homérico. Seja como for, o que acho interessante, para concluir, nessa referência a Cila e Caríbdis na *Ética a Nicômaco*, é o que ela pode dizer sobre uma possível ética do tradutor. Em não existindo, de obra alguma, uma versão que seja de fato “mediana”, isto é, idealmente equilibrada em sua navegação entre a língua de partida e a de chegada (e entre inúmeros outros “extremos”), a atividade de traduzir pode ser vista quem sabe como uma permanente escolha sobre para qual “extremo” vamos pender mais – e são muitas as possibilidades aqui –, uma escolha associada, assim como acontece com o âmbito moral, mais à prática e ao hábito do que a qualquer outra coisa. Porque a tradução, para quem traduz, é antes de tudo uma escolha humanamente desequilibrada, como a de Odisseu, a única que temos ao nosso alcance. É um

Aristóteles assim que quero recriar, decididamente desequilibrado em favor dos detalhes de estilo e da *secura* que lhe é inerente.

André Malta é professor de língua e literatura grega antiga na Universidade de São Paulo, onde ingressou como docente em 2001, tendo obtido por essa instituição os títulos de mestre (1998), doutor (2003) e livre-docente (2013). Realizou ainda um pós-doutorado nos Estados Unidos, pela Brown University (2011-2012). É autor de uma Tetralogia Homérica formada pelos livros: 1. *A Selvagem Perdição: Erro e Ruína na Ilíada* (Odysseus/2006); 2. *Homero Múltiplo: Ensaio sobre a Épica Grega* (Edusp/2012); 3. *A Musa Difusa: Visões da Oralidade nos Poemas Homéricos* (Annablume/2015); e 4. *A Astúcia de Ninguém: Ser e Não Ser na Odisseia* (Impressões de Minas/2018). Como tradutor, verteu uma seleção de doze cantos da poesia de Homero, quatro da *Ilíada* e oito da *Odisseia*, reunidos em *Homero Portátil* (Edição eletrônica do Autor, 2021), e nove obras de Platão, *Íon e Hípias Menor* (L&PM/2007), *Eutífron, Apologia de Sócrates e Críton* (L&PM/2008), e *Quatro Diálogos: Alcibíades Segundo, Teages, Dois Homens Apaixonados e Clitofonte* (Editora 34/2022), além de uma antologia das *Fábulas* de Esopo (acompanhada do *Romance de Esopo*, traduzido por Adriane Duarte; Editora 34/2017). É o criador do canal no YouTube ISSO AQUI NÃO É GREGO, em 2020, e autor dos livros de poemas *A Hesitação do Verso* (Edição do Autor/2010) e *Homem Cão* (Impressões de Minas/2017).